



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA**

**OHANA CARLA RIBEIRO TOPA**

**A INSERÇÃO DA MULHER NO AGRONEGÓCIO:  
PROGRESSOS E RESOLUTIVIDADE NAS ATIVIDADES EXERCIDAS NO CAMPO**

**ARIQUEMES – RO**

**2022**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA**

**OHANA CARLA RIBEIRO TOPA**

**A INSERÇÃO DA MULHER NO AGRONEGÓCIO:  
PROGRESSOS E RESOLUTIVIDADE NAS ATIVIDADES EXERCIDAS NO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Agronomia.

Prof. Me. Fernando Corrêa dos Santos

**ARIQUEMES – RO**

**2022**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

T673i Topa, Ohana Carla Ribeiro.

A inserção da mulher no agronegócio: progressos e resolutividade nas atividades exercidas no campo. / Ohana Carla Ribeiro Topa. Ariquemes, RO: Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, 2022.

47 f.

Orientador: Prof. Ms. Fernando Corrêa dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Agronomia – Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, Ariquemes/RO, 2022.

1. Agronegócio. 2. Mulheres. 3. Dificuldades. 4. Desenvolvimento. 5. Trabalho no campo. I. Título. II. Santos, Fernando Corrêa dos.

CDD 630

**Bibliotecária Responsável**  
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro  
CRB 1114/11

OHANA CARLA RIBEIRO TOPA

**A INSERÇÃO DA MULHER NO AGRONEGÓCIO:  
PROGRESSOS E RESOLUTIVIDADE NAS ATIVIDADES EXERCIDAS NO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA,  
como requisito para obtenção do título de  
Bacharel em Agronomia.

Aprovada em: 16/09/2022

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof.: Meª. Adriana Ema Nogueira  
CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA



---

Prof.: Me. Fernando Corrêa dos Santos  
CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA



---

Prof.: Meª. Rita Cristina Fernandes Marena  
CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA

ARIQUEMES – RO

2022

*Dedico este trabalho aos meus pais, por serem meus maiores apoiadores de vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Meu primeiro voto de agradecimento é genuinamente entregue a Ele, pois me conduziu de maneira direta na elaboração deste trabalho, mesmo quando achei que não conseguiria fazê-lo como tanto almejei.

Aos meus pais e irmão, meu eterno agradecimento e amor, saibam que, honestamente, sem vocês eu nada seria.

Minhas amigas do coração, Leticia e Thaís, suas palavras de calma e afeto foram fundamentais durante este processo, obrigada por serem vocês.

A você, Gecielle Soares, meus mais sinceros agradecimentos por ter insistido em mim quando eu mesma achei que não seria capaz, sem suas palavras de encorajamento ou seu apoio para comigo, eu com certeza não estaria aqui escrevendo estas palavras hoje. Obrigada por isso.

Ao meu orientador, Me. Fernando dos Santos, obrigada por também ter acreditado que este tema seria relevante e, obrigada por ter me conduzido até aqui, com certeza suas palavras e orientações também foram luz para mim.

Ao meu antigo e querido professor, Dr. Edimar Soares, obrigada por sempre me incentivar e acreditar em mim, mesmo de longe. O senhor fez parte deste processo de crescimento e sou grata por isso.

Me. Adriana Nogueira, obrigada por sempre estar conosco nesta caminhada, fazendo de tudo por nós, sempre. Sou carinhosamente grata por sua presença em minha vida ao longo destes anos.

*“Não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens, mas sobre si mesmas”.*

*Mary Wollstonecraft*

## RESUMO

O estudo em questão teve como objetividade explicar o histórico da inserção feminina no agronegócio, por meio de referenciais bibliográficos, apontando as principais características as quais fazem parte desta trajetória. As tratativas percorreram pontos específicos deste assunto, visto que algumas das principais considerações estavam pautadas em expor as dominantes dificuldades encontradas pelo público feminino dentro do âmbito rural, bem como o decorrer de seu completo desenvolvimento nesta área, trazendo à tona o enfrentamento das objeções e o crescimento que obtiveram a partir desta ação. Os conceitos utilizados ao longo deste trabalho contribuíram benéficamente para o encontro das experiências vivenciadas no meio rural e, com isso, pode-se esclarecer que, apesar de ter havido um árduo caminho a se percorrer desde a inicialização neste meio até que se chegasse aos dias atuais, há, atualmente, notoriedade no que diz respeito à maestria com que se aplicam às atividades relacionadas ao agronegócio, especialmente porque as mulheres têm demonstrado diariamente que podem trazer e fazer um histórico memorável nestes caminhos.

Palavras-chave: Agronegócio; Mulheres; Dificuldades; Desenvolvimento.

## **ABSTRACT**

The study in question aimed to explain the history of female insertion in agribusiness, through bibliographic references, orientation as main characteristics such as which are part of this trajectory. The discussions covered specific points on this subject, since some of the main considerations were based on exposing the dominant difficulties encountered by the female public within the rural environment, as well as discussing their complete development in this area, bringing to light the confrontation of objections and the growth which they obtained from this action. The concepts used throughout this work have contributed beneficially to the encounter of experiences lived in rural areas and, with this, it can be clarified that, although there was an arduous path to go from the initialization in this environment until reaching the days nowadays, there is currently notoriety regarding the mastery with which they apply themselves to activities related to agribusiness, especially since women have demonstrated daily that they can bring and make a memorable history in these paths.

Keywords: Agribusiness; Women; Difficulties; Development.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	14
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b> .....	15
<b>3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA PRESENÇA DAS MULHERES RURAIS NOS ÂMBITOS TRABALHISTAS NO BRASIL E OS PROGRESSOS ALCANÇADOS DURANTE A TRAJETÓRIA</b> .....	18
3.1.1 Introdução da mulher no meio rural.....	18
3.1.2 A desvalorização e a falta de reconhecimento da mulher.....	18
3.1.3 Movimentos sociais em prol das mulheres rurais.....	18
3.1.4 A participação da mulher no mercado trabalhista.....	19
3.1.5 O desenvolvimento inicial.....	20
3.1.6 Participação feminina efetiva no âmbito rural.....	22
<b>4.1 O RECONHECIMENTO DAS MULHERES RURAIS EM MEIO ÀS DISCORDÂNCIAS, VIOLÊNCIAS E DESVALORIZAÇÃO DE SEUS TRABALHOS NO AGRONEGÓCIO</b> .....	26
4.1.1 Problemáticas existentes.....	26
4.1.2 O cenário social vivenciado.....	26
4.1.3 Promoção de destaque à figura feminina.....	27
4.1.4 Mudanças perceptíveis no meio rural.....	29
4.1.5 A vivência do protagonismo no campo.....	30
<b>4.2 A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO FEMININO NO CENÁRIO DO AGRONEGÓCIO NO QUE DIZ RESPEITO AOS PROGRESSOS E AMOLDABILIDADE ACERCA DAS OPOSIÇÕES ENCONTRADAS</b> .....	34
4.2.1 Transformações vivenciadas por elas.....	34
4.2.2 Conquista do espaço no agronegócio.....	34
4.2.3 Enfrentamento das objeções.....	35
4.2.4 Intensificação dos trabalhos.....	36
4.2.5 Progressos alcançados.....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	44

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

DF – Distrito Federal

MMTRSC – Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central

MMA – Movimento de Mulheres Agricultoras

MMTR – Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo pôde-se perceber que as mulheres têm lutado para promover a transformação trabalhista do ramo agrícola, buscando garantir seus espaços neste meio que vem sendo tão expansível e, apesar de haver intensas contradições durante o caminho, suas lutas certamente não têm sido em vão, especialmente no que diz respeito à introdução e progressos das mesmas no meio rural. As contribuições femininas têm sido extremamente fundamentais neste âmbito do agronegócio, principalmente pelo fato de haver uma ampliação no que diz respeito às propriedades as quais elas estão se inserindo, havendo um notório destaque de presença, de acordo com cada segmento existente no meio rural, os quais são aproveitados por elas, isto porque o expansionismo deste ramo proporciona muito mais espaço para que as mulheres possam desenvolver-se de maneira completa.

As oportunidades para elas nunca foram igualmente distribuídas, parecia sempre haver oposição para com os trabalhos os quais as mesmas queriam desenvolver neste setor e, apesar disso, estas oposições não foram suficientemente fortes para que transformassem o pensar destas trabalhadoras. A vontade de fazer a diferença e inserir contribuição neste processo sempre foi muito mais válida que qualquer outra situação recorrente percebida no campo. Sabe-se que a participação feminina neste meio nunca foi realmente notória, apesar disso, as mulheres conseguiram vencer os obstáculos os quais estavam às suas frentes e puderam vivenciar seus progressos fora do olhar utópico o qual as mesmas possuíam anteriormente às suas inserções no agronegócio.

A vivência das mulheres no ramo agrícola foi repleta de circunstâncias contraditórias, principalmente por sempre haver um sentimento de desigualdade por parte da dominância presente na área, com isso vieram as principais discordâncias dentro do ramo agrícola, o que impossibilitou diversas passagens, por muito tempo. A partir do momento em que as mulheres transformaram seus próprios pensamentos e passaram a determinar quais seriam seus próximos passos, as situações foram sendo moldadas e os desafios passaram a ser muito maiores. A presença feminina dentro do âmbito rural proporcionou significativas mudanças benéficas para este meio, especialmente pelo fato de haver rentabilidade, sustentabilidade e aplicabilidade em suas participações.

A permanência das mulheres no campo passou a ser muito mais notória, as mesmas passaram a desenvolver atividades com suas próprias informações, não sendo mais dependentes ou coadjuvantes de seus esposos ou pais. A atuação “dentro da porteira” tornou-se cotidiano destas mulheres, assim como a posterior distribuição de seus trabalhos também “fora da porteira”. A influência neste aspecto foi fundamentada no intenso querer que as mesmas possuíam em realmente serem reconhecidas neste setor, não por serem superiores, mas por serem igualmente competentes para realizar atividades que anteriormente só podiam ser desenvolvidas pelos homens. O processo, na verdade, não foi para desmerecer ou extrair a presença masculina do campo, mas para somar junto a eles. As mulheres queriam deixar de ser auxiliares para serem protagonistas de seus próprios desenvolvimentos, sejam estes dentro ou fora do campo. Este é o cenário que as mulheres tanto lutaram para que fosse mudado: deixar os postos de auxiliares para serem intérpretes de suas vidas.

A atualidade traz uma notória mudança quando se há uma comparação com o passado, especialmente porque as mulheres tornaram suas vidas mais resistentes aos diversos tipos de preconceitos enfrentados ao longo do caminho. As mulheres entenderam que absolutamente todo o caminhar dependeria de sua persistência na propagação de seus trabalhos, bem como nos resultados obtidos através deles e, por isso, o empenho no desenvolvimento das atividades passou a ser ainda maior. A presença da mulher dentro do agronegócio surge como um olhar atento, disposto a enxergar os detalhes necessários para intensificar as propostas apresentadas por este setor.

As mulheres têm se capacitado cada vez mais para promoverem o melhor no agronegócio e, com isso, têm contribuído fortemente para a descoberta de novas técnicas que impulsionem ainda mais o andamento da agricultura/pecuária, além de estarem cada vez mais inseridas nos campos de gestão e empreendedorismo, ocupando cargos de liderança e assumindo posições de extrema competência nos setores agrícolas, os quais são inúmeros e somam de maneira muito satisfatória na economia do país. A inserção da mulher no agronegócio, apesar de ter sido vagarosa, têm sido extremamente absolutas, as transformações têm sido profícuas em diversas áreas, bem como a intensificação de suas competências para o desenvolvimento das atividades requeridas no agronegócio. A inserção das mulheres no campo pode ser

definida com duas palavras: desígnio e domínio, as mesmas seguem promovendo o desenvolvimento necessário e contribuindo para a expansão deste setor tão importante e necessário às pessoas.

**OBJETIVO GERAL**

Analisar a atuação das mulheres no agronegócio, visando identificar quais os principais problemas enfrentados no meio agrícola, bem como expor desafios e superações as quais elas puderam vivenciar durante a trajetória dentro do âmbito rural.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Destacar a introdução da mulher no agronegócio;
- Relacionar problemas/dificuldades, expondo pontos que caracterizam, de fato, a vivência no campo;
- Inferir o desenvolvimento da mulher contemporânea no campo, apontando características frequentemente encontradas por elas.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O desígnio provido por esta análise geral de introdução e desenvolvimento paulatino buscou apresentar mudanças estruturais e participatividade feminal não somente na sociedade, mas também, no mercado de trabalho e no controle de operações relacionadas ao agronegócio. Foi respaldado pela inicialização histórica, bem como o envolvimento e ascensão da mulher no agronegócio, no qual foi realizado um estudo de natureza descritiva e exploratória, com descrição e levantamento de variáveis em conformidade com os aspectos envolvidos nos objetivos pautados no decorrer do trabalho.

Para tanto, utilizou-se fontes secundárias, com a presença de explicações, ponderações e ementas (JACOBSEN, 2016), as quais proporcionaram significativa classificação perante aos objetivos convencionados inicialmente. Todas as informações foram coletadas com o intuito de impulsionar a figura feminal, fazendo a exposição dos desafios encontrados durante o percurso e, a partir disto, o estudo foi realizado em consonância, onde a extração de dados deu-se não somente por pesquisas bibliográficas, mas também, por meio de um estudo realizado a partir de experiências vividas por pessoas que atuam no campo e que, de alguma forma, contribuíram para que este processo pudesse ter alcançado níveis realmente significativos.

Neste sentido de construção de caráter descritivo e exploratório (JACOBSEN, 2016), o presente trabalho utilizou um modelo de questionário interno, buscando relacionar o curso de vida de agricultoras e profissionais dentro do agronegócio, desde sua inicialização até os dias atuais, este questionário baseia-se na extração de informações que caracterizem as etapas vivenciadas ao longo do período em que as mulheres começaram a fazer parte do espaço agrário.

Além disso, houve a percepção de recolhimento de esclarecimentos antigos e atuais, que trazem a tona os principais pontos abordados ao longo deste trabalho, os quais possuem centralização e familiaridade com a temática inserida, ambas as aplicações foram realizadas de maneira abrangente, onde se objetivou a extração de conhecimentos realmente fundamentados na área supracitada, em que se apontarão conversões de problemas generalizados que transformaram-se em atividades estritamente práticas (BOURDIEU, 1989).

Todo o estudo foi elaborado visando identificar quais os principais controles operacionais exercidos pelas mesmas, além de buscar entender como funciona a participatividade dentro do mercado de trabalho agrícola, com a apresentação dos aspectos dificultosos encontrados ao longo do caminho, além das formas adaptativas as quais precisam se enquadrar para que consigam atuar nos diversos setores do campo, visto que, mesmo no século atual, percebe-se ainda um pouco de preconceito e resistência na introdução e liderança das mesmas neste ramo.

Para Meneghetti (2013), existe algo em especial que difere o feminino do masculino, consiste na concentração de poder direcionado a eles, ainda que o feminino vença externamente, dentro do existencialismo econômico, o poder não se direciona a elas. Este é um cenário que ainda faz parte da vida de muitas agricultoras e colaboradoras desta área, sendo um dos assuntos que mais serão trazidos ao longo deste desenvolvimento, a considerar que são pontos extremamente significativos e determinantes, os quais impactam e causam interferências estritamente relevantes neste processo que está ligeiramente ligado ao desenvolvimento profissional destas trabalhadoras.

A coleta de dados para esta composição foi distribuída de maneira extensiva, visando identificar temas contributivos e relevantes dentro do espaço o qual buscou-se explicar informações, a organização das bases deu-se através de pesquisas bibliográficas e documentais, percorridas inicialmente em um fundamento principal: contexto histórico do desenvolvimento da mulher dentro do campo, em consonância ao seu caráter conceitual, bem como sua trajetória até o presente momento. As buscas bibliográficas foram iniciadas a partir da década de 80, visto que esta época possui certa especificidade para as mulheres do campo, em razão aos primeiros aparecimentos de problemas característicos terem sido identificados neste momento, de modo que as relações foram tecendo uma ponte até os dias atuais, onde ainda há intensa participação das mesmas (CARNEIRO, 1987).

Posposto a isto, objetivou-se inserir fundamentação nas tratativas abordadas anteriormente, como principais dificuldades, amoldabilidade nos processos produtivos, interferências históricas e socioeconômicas, percepção de intolerância e enjeitamento, a força da participação feminina nos projetos desenvolvidos no campo, participatividade e liderança, além da exposição de evidências que contribuam na confirmação de referência em gestão nas execuções rurais. Todos os argumentos

transferidos a este trabalho ocupam-se na conjuntura da desmistificação da resistência que ainda se faz presente, pois busca-se demonstrar em exemplos sólidos que existem propostas de novas visões de negócios, inserção de valorização na sociedade e, também, no mercado de transações remetentes ao setor agrícola.

Em auxílio no desenvolvimento, também foram utilizadas bases secundárias, como livros e sites virtuais compostos por artigos científicos, monografias, dissertações e revistas online, os quais possuem objetividade nos temas propostos anteriormente, todas as informações com tratamento de resultados qualitativos, os quais visam prestar descrições, opiniões e fundamentação para todo o processo apontado durante o projeto em questão, abrangendo o desenvolvimento do percurso inicial até o ponto atual de vivência na área supracitada.

Para a composição dos assuntos tratados dentro deste trabalho, objetivou-se extrair o máximo de informações do assunto em profundidade, os quais visam esclarecer pontos específicos dentro da agricultura brasileira, especialmente no âmbito em que as mulheres são protagonistas. A considerar que existem pontos que possuem uma carga bibliográfica bastante extensa, haverá um contínuo aparelhamento bibliográfico o qual pode ser descrito por Meneghetti (2013), onde se aponta que existe unicamente uma proposta de diferenciação entre o homem e a mulher, a qual pode ser caracterizada pela forma de utilização do que está ao redor, como estações e cadência.

Para Ramos (2007), este setor é um ponto de reconhecimento estratégico, o qual deve prover ações articuladas que visem o total desenvolvimento, em todos os segmentos interessados. Por causa disto, no discorrer dos assuntos tratados, haverá um adentramento variável entre dois pontos centrais: objeções encontradas durante a introdução da mulher no campo, bem como o enfrentamento das dificuldades e suas superações, além de haver uma ênfase primordial nas questões relacionadas às conquistas observadas durante o trajeto de muitas trabalhadoras, assim como a apresentação de propostas líderes apresentadas em estatísticas agropecuárias, que promoveram transformação e auxiliaram na autonomia de mulheres que fazem parte do âmbito rural e todos os seus respectivos setores.

### **3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA PRESENÇA DAS MULHERES RURAIS NOS ÂMBITOS TRABALHISTAS NO BRASIL E OS PROGRESSOS ALCANÇADOS DURANTE A TRAJETÓRIA**

Neste capítulo serão expostas as informações pertinentes a introdução da mulher no meio rural, desde sua inicial participação “coadjuvante” até o momento em que sua presença passa a estar ligeiramente direcionada para uma imagem de liderança, onde existe reconhecimento quanto ao que tem sido desenvolvido a partir de suas atividades e progressos contidos dentro das mesmas. A contextualização traz aspectos memoráveis, os quais podem exemplificar e definir como foi o processo de inserção da figura feminina dentro deste âmbito dominado, na maioria das vezes, pelos homens. São informações fundamentais no corpo deste desenvolvimento, pois, a partir destas características, pode-se aprofundar de maneira mais precisa quanto ao caminho traçado pelas mulheres para que atualmente pudessem estar à frente de grandes negócios e, também, em posição de liderança frente às oportunidades.

A partir da década de 80, as mulheres começaram a assumir postos diferentes em participações de pautas trabalhistas, especialmente porque é datado um momento de singularidade, onde há a intensificação das lutas femininas no que diz respeito a classificação igualitária no desenvolvimento de seus trabalhos no campo. Carneiro (1987), congruentemente descreve esta alteração na vida destas trabalhadoras, visto que o período é marcado pela introdução de movimentos que demonstram e responsabilizam a interferência explícita de problemas existentes que estavam estritamente relacionados à permanência destas mulheres no campo.

Paoli (1985) aponta uma caracterização bastante errônea em uma descrição regulamentar do Ministério do Trabalho no ano de 1932, o qual dizia claramente que as mulheres eram inconstantes e inferiores, desta forma, limitavam-se as possibilidades trabalhistas e avigoravam a perpetuação das mulheres nos trabalhos domésticos, intensificando o fato de que apesar do trabalho feminino ser tão satisfatório quanto o masculino, eram inteiramente desvalorizados em razão às características ditadas como “femininas”. Por outro lado, ao longo do tempo, foi esclarecido o quão importante é o desenvolvimento do trabalho da mulher, no ciclo rotineiro do campo, em sua expansão profissional, na presença em movimentos

sociais, demonstrando conhecimento acerca dos pontos discutidos nestes movimentos políticos, ligeiramente interligados a uma sociedade que pouco as via.

As ampliações dos sistemas trabalhistas caracterizaram especificidades em diversas situações e, a inserção da mulher neste meio gerou certo abalroamento, a considerar que, anteriormente as mesmas estavam restritas aos cuidados dos filhos, residência e cônjuge. Há uma curva acentuada na predominância da desigualdade neste aspecto, especialmente por haver enfeitamento nos desenvolvimentos dos trabalhos femininos, bem como por haver extremas limitações nestes espaços de domínio que predominantemente eram caracterizados pela presença masculina. Neste sentido, para Bourdieu (2008), o conhecimento permite que haja uma revolução que se evidencia na prática, onde parâmetros destinam-se a transformar o vigente estado das dependências existentes.

Barros e Mendonça (1989), caracterizam o trabalho da mulher como um impulso vigoroso dentro de suas famílias, mesmo porque eram elas quem assumiam a condução quando havia a necessidade de assumir os postos de seus cônjuges, influenciadas por forças maiores. Percebe-se com a afirmação anterior que, para que as mulheres pudessem assumir cargos de liderança, fazia-se necessário a interrupção do comando do chefe da família, visto que apenas o mesmo exercia as atividades relacionadas aos trabalhos externos que proviam o sustento dos mesmos. Esta percepção, na verdade, é vigente desde os primórdios, quando as mulheres eram vistas com encargos pré-determinados, os quais eram sempre inferiores às atividades que seriam exercidas por seus companheiros.

Todo o trabalho desenvolvido pela mulher rural era visualizado como simplórias extensões de obrigatoriedade familiar, o que favorecia a dormência e o ocultamento de seus trabalhos externos, propriamente dentro do mercado trabalhista (BUTTO, 2011). Inerentemente, o preconceito e o machismo se instalam em diversas situações dentro do meio rural, seja por meio do contempto profissional – pois, por vezes, o trabalho da mulher é visto como uma “ajuda” –, no tratamento percebido pelas mesmas em órgãos que tratam de assuntos rurais (instituições bancárias ou serviços de assessoria técnica), onde normalmente são somente percebidas por esposas e não profissionais/agricultoras ou mesmo pela percepção de falta de auxílio em políticas públicas voltadas para estas participantes do meio rural. Para Ramos (2014), as diferenças de gênero que puderam ser vivenciadas dentro do campo rural podiam

ser somadas a muitas outras desigualdades sociais, as quais são, por vezes, consideradas irrisórias dentro da sociedade.

Apesar de haver intensa rejeição, a atuação das mulheres no meio agrícola tem sido fonte de significativa apropriação, de modo que se observa o nível de eficiência demonstrado pelas mesmas durante a execução de seus trabalhos, visto que este tem sido um agente decisivo nos debates relacionados às diferenciações de gênero, especialmente no meio rural, a considerar que, anteriormente, todo o trabalho rural era designado ao homem, principalmente por haver o estereótipo de que a força física era o principal recurso para manter-se no desenvolvimento deste trabalho, todavia, o conceito de gestão define-se como a escolha do que fazer e o fato de suceder com aplicabilidade o que deve ser feito (ADAIR, 2003).

Para Bourdieu (2008), existe uma concepção bastante característica quanto a força da ordem masculina que pode ser descrita da seguinte forma:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais, é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2008, p. 09).

A partir das diversas dificuldades existentes durante a trajetória destas trabalhadoras rurais, surge a necessidade de iniciar um movimento que pudesse trazer voz a elas, bem como tentar evidenciar a importância do desenvolvimento dos seus trabalhos aplicados no campo, pois, conforme a afirmação de Sen (2000), para que realmente exista reconhecimento na aplicação dos desenvolvimentos das pessoas, é necessário considerar a importância da autonomia trabalhista, bem como a prática direta da mesma. Então, torna-se real a primeira “Marcha das Margaridas”, realizada no ano de 2000, em Brasília – DF, coordenada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), juntamente a outras organizações comandadas por mulheres da área rural. Sobretudo, a marcha contava com sua líder sindical Margarida Alves (em memória - 1933-1983), a qual sempre propôs paridade

nos direitos das mulheres rurais. A simbologia da marcha de 2000 carregava a evidenciação de aluir a fome, a pobreza e a violência sexista para com as mesmas.

O movimento da marcha acontecia a cada quatro anos, porém, a partir do ano de 1980, muitas outras organizações foram tomando forma no Brasil, havendo intensa ampliação nas pautas políticas envolvendo as trabalhadoras rurais, como “Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central” (MMTRSC), em 1982, continuamente, em 1983, havia também o “Movimento de Mulheres Agricultoras” (MMA) e o “Movimento de Mulheres do Brejo Paraibano”. Houve, ainda, o “Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste” em somatória às “Mulheres Trabalhadoras Rurais da Região Sul”, em 1986. Por fim, “Mulheres na Roça”, ainda em 1986, que tempo depois se intensificou e formou o “Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul” (MMTR), entretanto, somente em 1989. De acordo com Deere (2004), as participações destas mulheres nestes movimentos indicavam que as mesmas passavam por problemas discriminatórios na maioria das vezes, especialmente no que diz respeito às perdas em seus direitos trabalhistas.

A afirmação de Carneiro (1987), de modo geral, caracteriza grande parte da realidade de muitas mulheres que estão inseridas no âmbito rural, pois, a atuação das mulheres nas atividades do campo compreendem, na maioria das vezes, em um “auxílio”, não sendo caracterizadas como trabalhadoras rurais ou agricultoras, especialmente se assumiram este posto após a união matrimonial, tendo em vista que a responsabilidade passou a tomar forma após a participação da esposa na vida de seu esposo, a qual posteriormente também fará parte da lavoura por razões circunstanciais e não por reconhecimento social de trabalho. Nascimento (2004) aponta os desprazeres da invisibilidade feminina em suas atividades laborais, especialmente nos setores rurais.

Além de haver o desdobramento por parte das mulheres para conciliar o trabalho externo e os cuidados com família/casa, observa-se também que mesmo dentro do campo trabalhista, algumas oportunidades são facilmente dificultadas para as mesmas, sejam em processos de promoções que normalmente demoram mais para acontecer ou se levar em consideração os desníveis salariais que ainda são recorrentes. Esta percepção demonstra o fato de que ainda há preconceito dentro da sociedade, quando se correlaciona o emparelhamento entre o homem e a mulher

ocupantes, até mesmo, de cargos iguais, percebe-se que o processo é muito mais lento para elas (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2003).

Carneiro (1987), sustenta a afirmativa de que os movimentos realizados anteriormente já não se relacionavam apenas com as distinções entre os gêneros, buscava-se integrar reconhecimentos sociais e políticos que lhes fizessem ter vez e voz na sociedade, principalmente dentro do campo. A busca travada por aquelas mulheres consistia na quebra de inversões, além de haver a necessidade de desmistificar a idealização de “valores tradicionais femininos”, por isso, as reivindicações eram por muito mais, havia a necessidade do encontro de situações favoráveis para a sua inserção digna no mercado trabalhista, com oportunidades semelhantes às que eram cedidas aos homens, o que não se relacionava pela condição de mulher, mas sim, de trabalhadora rural que precisava trabalhar para manter seu sustento e seu progresso naquela época.

Sabe-se que a introdução inicial da mulher no mercado trabalhista deu-se após os períodos das Guerras Mundiais, o mercado se tornou mais favorável para as mulheres, o que possibilitou, também, suas inserções nestas disponibilidades apresentadas durante o desenvolvimento e expansões industriais (VIEIRA, 2006). A profissionalização das mulheres, desde aquela época, tem sido cada vez mais buscada e desenvolvida, a fim de promover a ocupação de cargos que, anteriormente, eram quase impossíveis de serem conquistados. A evidenciação destas mulheres tem sido muito notória, mesmo porque as administrações providas por elas também são repletas de novos acertos, com informações e ferramentas capazes de revolucionar a gestão rural, promovendo e impulsionando posições importantes dentro destes setores que tem sido fundamental para o desenvolvimento econômico do país, os quais também estão em crescente desenvolvimento e expansionismo (ROSA, 2018).

Apesar de haver muitos trabalhos rurais envolvendo significativamente a inserção da mulher no mesmo, Faria e Nobre (1997), trazem à tona uma realidade bastante vivenciada por muitas mulheres quando afirmam que também existe desvalorização nas laborações desenvolvidas pelas mesmas, visto que, há sempre uma frívola comparação ao trabalho masculino, assim, as mulheres aparentemente ficam com os setores mais amenos dos trabalhos, fazendo parecer em termos extremamente desdenhoso que as jornadas das mulheres não podem ser comparadas às dos homens, a considerar que são muito mais leves e menos

exaustivas. Bourdieu (2008), mais uma vez, cita algo relevante quanto ao que foi apresentado anteriormente:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanes a todos os *habitus*. Moldados por tais condições, portanto, objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendente (BOURDIEU, 2008, p. 22).

Carneiro (1987), afirma que a década de 80 foi marcada por esta intensificação de lutas e movimentos femininos, visto que, todo o contexto associa-se ao fato de que a participação das mesmas era extremamente pequena, especialmente em razão à autoridade masculina que, por vezes, estava à frente dos papéis que deveriam ser exercidos pelas mulheres. A subordinação claramente estava presente na permanência da mulher em sua família, situação que foi transformada aos poucos, gradativamente pôde-se observar a inserção das mesmas nos trabalhos rurais, na política e nos movimentos sociais que se faziam necessários para os seus progressos.

A demanda da mulher no agronegócio tampouco aparecia, suas participações eram mínimas e quase desimportantes, esta caracterização pertenceu à classe das mulheres por muito tempo, sobretudo por haver a necessidade do cuidado familiar, tendo em vista que o trabalho árduo havia ficado estabelecido para o homem e, os cuidados relacionados à blandícia, primordialmente, eram transferidos às mulheres. Somente a partir das diversas transformações instrutivas, relacionadas à cultura e estrutura da sociedade, é que o espaço do mercado de trabalho foi sendo ocupado pelas anteriormente “somente” mães de família. Apesar de haver dificuldade na inserção da mulher no âmbito trabalhista, Gomes (2005), faz uma observação quanto a isso, onde pode-se interpor que o século XX foi marcado pela presença da mulher nos setores trabalhistas, isto em razão aos acontecimentos da época, como a Revolução Russa, em 1917, com isso, buscava-se igualar as figuras masculinas e femininas.

Embora o progresso tenha acontecido em vasta lentidão para todos os setores trabalhistas, os setores rurais foram ainda mais difíceis de serem alcançados e estabelecidos pelas mesmas. Esta percepção está ligeiramente relacionada à citação

de Lisboa (2012), onde se afirma que dentro da sociedade existem dois papéis bastante definidos, enquanto o homem se enquadra em sistemas de produção econômica, a mulher, por sua vez, enquadra-se em sistemas relacionados às repetições biológicas da vida. A vida da mulher, especialmente no contexto histórico da inicialização e suas participações dentro do meio rural, esteve estagnada em um ponto único e permanente, o qual somente passou a ser relativamente mudável a partir das mudanças que foram ocorrendo por consequência das ações humanas, como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A imagem comedida passada de geração em geração traz à tona a percepção de que, embora a presença feminina tenha feito parte do desenvolvimento da sociedade, especialmente pelo zelo da segurança familiar (alimentar e nutricional), a participação das mesmas sempre esteve muito mais presente de maneira interna, de modo que contribuíram historicamente e relevantemente para o progresso da agricultura, entretanto, não estiveram à frente das muitas aberturas providas pelo agronegócio, isto em razão à subjetividade entregue aos que atuavam de maneira direta no cuidado e desenvolvimento com a terra. Para Lisboa (2012), as vitórias femininas estão totalmente interligadas com a luta que tiveram para que conseguissem se inserir no mercado de trabalho. Em consonância ao descrito, Sales (2014), ainda pode contribuir com a seguinte afirmação:

A presença das mulheres rurais na produção agrícola familiar é um fato. Mesmo na invisibilidade, não se pode negar que elas estão ocupando terras, plantando, colhendo, e cultivando o desejo de ter uma terra livre e usufruí-la com seu trabalho. Presentes na casa, no quintal, na roça e na luta pela terra, as mulheres tiveram ainda de lutar pelo direito de serem reconhecidas como trabalhadoras. (SALES, *Apud* ALMEIDA et all, 2014, p.3).

Conforme mencionado anteriormente, as mulheres tiveram de lutar pelo direito de serem reconhecidas, assim como continuam lutando para que consigam ter espaço neste campo que, ainda hoje é, em sua grande parte, composto por auxiliares que tem por predominância o gênero masculino, todavia, as mulheres possuem características relevantes neste processo de natureza epopeica, ainda que as mesmas tenham estado em certo grau de invisibilidade anteriormente. Esta percepção demonstra o fato de que ainda há preconceito dentro da sociedade, quando se correlaciona o emparelhamento entre o homem e a mulher ocupantes, até mesmo, de cargos iguais, percebe-se que o processo é consideravelmente mais lento para elas (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2003).

O desenvolvimento do trabalho feminino experimentou diversas fases durante os processos de desenvolvimento, isto em razão às adversidades surgidas ao longo destas execuções. A partir do momento em que as mesmas puderam vivenciar situações em que conseguiam manter o dinamismo nas atividades desenvolvidas rotineiramente, pôde-se perceber que estavam alcançando significativas contribuições para o setor agrícola, isto porque havia a visualização do real desenvolvimento provido por suas próprias mãos, marco estritamente importante para que pudessem dar segmento neste projeto de transparência de ações dentro do agronegócio, visto que, grande parte das negociações e transformações somente ocorriam a partir do momento em que os chefes estavam a frente, assumindo, comandando e interferindo na possibilidade de haver mulheres no comando.

#### **4.1 O RECONHECIMENTO DAS MULHERES RURAIS EM MEIO ÀS DISCORDÂNCIAS, VIOLÊNCIAS E DESVALORIZAÇÃO DE SEUS TRABALHOS NO AGRONEGÓCIO**

O capítulo busca demonstrar em exemplos sólidos todas as questões relacionadas ao desenvolvimento da mulher no agronegócio, enfatizando as problemáticas as quais já existiram durante este processo, bem como as que ainda se fazem presente na caminhada destas mulheres que estão inseridas neste campo dominado, há tempos, pela figura masculina. Ademais serão apresentadas as confrontações existentes neste âmbito, as quais, por vezes, acabam por interferir de maneira estritamente direta na difusão da mão de obra feminina no campo. Em consonância às adversidades, também serão apresentados os inúmeros trabalhos providos pelas mãos femininas no meio rural, os quais são dignos de reconhecimento, visto que foram cruciais para o crescimento e aprimoramento de diversos setores no meio agrícola.

Ao mencionar a questão “confrontações”, faz-se necessário descrever a identidade que as mulheres carregaram durante toda uma vida, não por vontade própria, mas por imposições compostas de várias interferências frívolas da sociedade. Perrot (2007) destaca uma importante consideração com relação ao que foi descrito quando menciona que, a sociedade traz como ordem das coisas o silêncio e a invisibilidade das mulheres, pois, isto consiste em garantia de tranquilidade. Neste contexto, como pode a identidade oculta de alguém promover tranquilidade dentro da sociedade quando, na verdade, se exposta, traria inúmeros benefícios conjuntivos aos que fazem parte da mesma? Perrot (2007) ainda complementa: pouco se fala delas pois, de modo contínuo, pouco são vistas, logo, há um silêncio perpétuo de fontes.

O cenário social em sua amplitude não caracterizava, de fato, a validade dos esforços das mulheres, sendo, na maioria das vezes, esforços ininterruptamente árduos e sem visibilidade alguma. Bourdieu (1989), caracteriza o espaço dominante como um local de intensas lutas, onde o poder torna-se transformador e irreconhecível. A partir desta percepção, entende-se que os estímulos femininos não eram existentes, ainda que o campo também fosse um espaço delas, pois atuavam não somente nos cuidados com as produções, mas também, no manejo geral da

propriedade. Havia um fato que encobria todo e qualquer vestígio produtivo desenvolvido por elas, o qual é descrito por Perrot (2007), suas aparições não possuíam nitidez, estavam sempre por trás dos grupos, eram consideradas inópias.

Em épocas anteriores, onde a informação pouco chegava e não havia explanação de estudo às mulheres, o processo pelo qual as mesmas passavam eram bastante recorrentes e, de modo geral, simplórios no quesito entendimento. Arrumavam a casa, as roupas, as crianças, os alimentos e precisavam auxiliar o marido no que fosse necessário a ele. Apesar de tantos afazeres, nenhum relacionava-se às suas capacidades como trabalhadora externa, especialmente no âmbito rural, pois, apesar de também estarem desenvolvendo trabalhos nestes ambientes, nunca eram reconhecidas por esforços próprios, mas como simples ajudantes de seus maridos, ou seja, o trabalho da mulher era sempre um coadjuvante da história em si, caracterizada por uma sub-representação no campo. Apesar disso, Perrot (2017) pode auxiliar em complemento nesta descritiva, pois, afirma que as mulheres insurgiam por vontade própria e especificamente por elas mesmas, não intervindo apenas como auxiliares, como muitos pensavam que fosse.

Foram tempos de intensa maceração, com rotinas de violências em várias áreas das vidas destas mulheres, sejam físicas ou psicológicas, especialmente em razão à dominância masculina que prevalecia acima de qualquer circunstância que envolvesse o desenvolvimento da mulher, desta forma, estavam travadas no tempo, impossibilitadas de exercerem profissões dignas, ficando apenas à sombra de seus maridos. A maior motivação de mudança, naquela época mais árdua, estava em promover destaque à importância da figura feminina dentro do meio rural, entretanto, a maioria delas estavam em estado acomodático, não havendo impulso para que a mudança pudesse, de fato, acontecer. Mesmo hoje, na atualidade, é difícil encontrar registros que contenham a presença direta da mulher no campo, pois, conforme ainda cita Perrot (2017), seus feitos em conjuntura à sua presença foram frequentemente apagados, assim como suas histórias e seus poucos vestígios, destruídos.

O protagonismo da mulher não era notório, suas evidências não eram notórias, todas as relações pertinentes às suas vidas eram ocultas, visto que não havia espaço para elas em um campo que as repudiava. A mulher não exercia o saber e o fazer em benefício próprio, mas sempre, mútuo, isto porque tudo o que era desenvolvido por suas mãos passavam a ser crédito do chefe da família, especialmente porque a

mulher não possuía lugar de fala ou mesmo de reconhecimento dentro daquela sociedade que não oportunizava a presença das mesmas. A maior parte delas viveram, durante muitos anos, em categoria de completo isolamento e, apesar de muitas vezes não deixarem transparecer, as mesmas não possuíam autoestima ou encorajamento para assumirem uma posição diferente daquela que viviam. Muitas não conseguiram se reerguer e demonstrar à sociedade que possuíam tanto valor quanto seus maridos, mostrando sua real importância no campo, suas contribuições que eram extremamente notórias. Muitas não conseguiram se quer fortalecer as lutas que eram desenvolvidas em prol das mesmas, pois nem mesmo acreditavam em seus papéis dentro da sociedade.

Os destaques das mulheres estavam, quase sempre, relacionados aos afazeres do dia a dia de um lar: passar, lavar, cozinhar. Mas, apesar disso, as mulheres também ajudavam nas lavouras, ou seja, trabalhavam mais e não eram remuneradas em absolutamente nenhuma destas funções. Neste aspecto, o trabalho sempre foi intenso, porém, invisível. Freire (1968) afirma que os opressores são falsamente generosos e, que precisam continuar exercendo este elo, para que sua “generosidade” continue tendo oportunidades permanentemente injustas, visto que a injustiça da ordem social se caracteriza como uma fonte geradora. Frequentemente atingidas pelas desigualdades, estas mulheres permaneciam no anonimato, sem visibilidade, sem garantia de direitos, sem progressos, sem valor e sem reconhecimento frente ao trabalho rural que desenvolviam com maestria. Uma época travada em absoluto silêncio, com características angustiantes e sem quaisquer perspectivas quanto ao que lhes esperava futuramente.

Freire (1968) caracteriza a estrutura do pensar no condicionamento da real vivência do ser, sendo uma situação concreta. A partir deste pensamento, pode-se entender que, de fato, o pensamento daquelas mulheres não poderia ser efetivo no que diz respeito às possíveis mudanças, isto porque estavam interligadas à rotina vivenciada por tanto tempo, apesar de o momento não ser propício, tampouco ingênuo de ser vivido, os costumes as levavam a vivenciar diariamente uma vida enfadonha e sem vestígios de alterações, especialmente em razão às construções familiares que obrigatoriamente lhes eram concebidos, para que pudessem realmente “viver” suas vidas. O viver estava pautado em casar-se e criar filhos, visto que os antepassados traziam este futuro como um traço cultural, um real costume familiar. Logo, a vida

profissional não estava descrita como uma necessidade, a mulher seria o auxílio do seu parceiro em todo o tempo.

Muraro (1992), descreve o trabalho da mulher como uma essencialidade à sobrevivência de uma comunidade, embora exista uma frequente desigualdade presente. Apesar disso, por muito tempo as mesmas não tiveram reconhecimento algum por isso, muito pelo contrário, era uma obrigatoriedade conduzida a elas, sem especificações de direitos ou quaisquer tipos de remunerações perante aos trabalhos que lhes eram ofertados e desenvolvidos. O pensamento que se constrói ao longo deste escrito, baseia-se fortemente em algumas indagações: quais as razões para haver enjeitamento no percurso traçado pelas mulheres no campo? Por quais razões as mesmas deveriam ficar no anonimato se suas contribuições eram tão benéficas quanto às contribuições dos homens da época? Qual o real sentido da ponte construída entre o gênero e a transformação do trabalho? Em suma, todas as respostas conduzem aos aspectos de dominação masculina, conceituadas desde os princípios históricos da humanidade.

Os sistemas de conduta relacionavam as mulheres como ótimas mães e ótimas donas de casa, apesar de estarem nas lavouras, na maioria das vezes, pelo mesmo tempo que seus maridos, este trabalho ocupava apenas o termo “ajuda”, ou seja, as mulheres podiam ser esposas de agricultores, assim como podiam criar futuros agricultores (filhos), mas não eram igualmente consideradas agricultoras. Perrot (2017) traz à tona uma indagação considerável às mulheres: de que maneira as mulheres observavam e viviam suas imagens? Será que havia proveito ou recusa? Será que as mesmas se aceitavam ou vivam em constante negação pela vida? Apesar de haver pouca influência de outras mulheres nestes aspectos, as mesmas começaram a perceber que podiam ir além do que aparentemente estava ao alcance delas e, então, passaram a buscar independência neste âmbito que, posteriormente, seria extremamente benéfico para seu desenvolvimento como mulher e agricultora/trabalhadora do espaço agrário.

O que, de fato, intensificou sua transição neste aspecto dentro do desenvolvimento rural, foi justamente a incapacidade de permanecer como coadjuvante quando, na verdade, estavam inteiramente envolvidas nos processos relacionados ao campo. As estratégias foram se intensificando aos poucos, porém, houve uma notória contribuição mesmo no início das inserções da mulher no

agronegócio. O espaço agrário não sofreu uma transformação por causa disso, as mulheres, sim. Cintra e Cosac (2008) afirmam este processo quando descrevem que as mulheres passaram a acreditar em seus valores e, com isso, passaram também a aceitar as mudanças e transformações as quais estavam aos seus alcances. A absorção adquirida por meio de visualizações externas passou a contribuir de maneira profícua no que diz respeito às atividades exercidas por estas mulheres que, por tanto tempo, viveram vidas que corrompiam suas funções mais honrosas: trabalho em prol da continuação do movimento do campo.

As mulheres não começaram suas lutas buscando competitividade, muito pelo contrário, o principal motivo pelo qual as mesmas passaram a intensificar seus projetos, constitui-se unicamente no querer da igualdade. Se os trabalhos eram desenvolvidos de maneira igualitária, por que inserir diferenciação entre os gêneros, unicamente por frívola comparação entre o homem e a mulher? Freire (1961) contribui neste pensamento quando afirma que a nossa formação histórica provém de conjunções especiais, as quais nos trouxeram uma colocação desassissada frente a vários aspectos. Isto é o bastante para que entendamos que o pensamento, na maioria das vezes, é moldado de maneira errônea, havendo sempre a necessidade de estar à frente do outro, ainda que ambos desenvolvam as atividades da mesma forma, na mesma intensidade e no mesmo proveito perante às colocações da sociedade.

O processo de inserção do trabalho feminino no campo não foi rápido, tampouco fácil, mesmo após terem decidido que iniciariam os trabalhos diretamente no meio rural, a aceitação por parte dos trabalhadores que já atuavam na área, especialmente os homens, não foi tão simples, especialmente por haver, ainda, o preconceito de que as mulheres unicamente seriam viáveis como donas de casa e mães de família, mas não como líderes de campo. Freire (2000), traz à tona uma caracterização do querer, expostamente da seguinte forma:

A disciplina da vontade, dos desejos, o bem-estar que resulta na prática necessária, às vezes difíceis de serem cumpridas, mas que deviam ser cumpridas, o reconhecimento de que o que fizemos é o que devíamos ter feito, a recusa à tentação da autocomplacência nos forjam como sujeitos éticos, dificilmente autoritários, submissos ou licenciosos. Seres mais bem-dispostos para confrontação de situações limites. A liberdade que, desde cedo, veio aprendendo, vivencialmente, a constituir sua autoridade interna pela introjeção da externa, e que vive plenamente suas possibilidades. As possibilidades decorrem da assunção lúcida, ética, dos limites e não da obediência medrosa e cega a eles (FREIRE, 2000, p. 18).

O conceito anterior esclarece que há uma projeção interior que caracteriza a fundamentação do querer, das limitações providas por ele e das lições colhidas, também, por ele. No instante em que as mulheres decidiram que não se submeteriam mais às condições que eram impostas a elas, todo o contorno da vida trabalhista foi alterado, não conforme o lado externo achava que deveria ser, mas conforme a força delas permitiu que conquistassem com a clara demonstração do desejo pelo saber. As mulheres só puderam ter liberdade para que este pensar fosse expresso, após muita insistência, especialmente porque estavam acostumadas à falha na aceitação de suas inserções no campo. Para Bourdieu (1987) a liberdade não pode ser considerada como uma simples base, mas sim, uma conquista, conquista esta que se validou através da coletividade.

A amoldabilidade do pensar humano é estritamente concentrado no que está ao redor, entretanto, a dificuldade passa a ser notória a partir do momento em que há impedimento para realizar atividades as quais contribuiriam para o desenvolvimento do indivíduo. Apesar de as mulheres não terem negado às obrigações impostas em épocas de aceitação, também não se encontravam mais felizes somente com aquela posição de auxiliar. As mulheres queriam mostrar seus potenciais, os quais só poderiam ser demonstrados a partir do momento em que houvesse visibilidade neste aspecto e, é exatamente por isso que elas buscavam a visibilidade, pois sabiam que havia potencial suficiente para contribuir e fazer a diferença no meio rural, apesar de serem totalmente exclusas destes postos, simplesmente por serem mulheres.

Perrot (1998) insere a afirmação de que a representação da mulher na sociedade estava, desde sempre, ligada às questões familiares, visto que as mesmas eram criadas para o meio doméstico e cuidados com suas famílias. Apesar disso, as mulheres estavam extremamente cansadas desta denominação: mães e donas de casa. Se havia potencial e desejo suficiente para usufruir dos benefícios providos pelos próprios esforços, por que não se dedicar a isso de maneira total? Não seria um desperdício de tempo, mas um ganho de vida. O desenvolvimento da mulher no meio rural foi trabalhado aos poucos, mas foi após a indagação de tentativa que realmente passaram a relacionar o desejo com o poder e, perceberam que a idealização de um futuro pertinente às ideias guardadas na memória, realmente resultariam em possibilidades definitivamente conclusivas para suas vidas. Foi através do desejo e do saber que puderam iniciar a trajetória de suas vidas, não como mães ou esposas,

mas especialmente como mulheres desenvolvendo suas atividades laborais com maestria.

O cenário atual é caracterizado pela inserção da mulher no agronegócio, atualmente muitas mulheres exercem excelentes cargos em excelentes empresas, inteiramente pareadas aos cargos exercidos pelos homens, ou seja, depois de muitos esforços e muitas tentativas frustradas, há a possibilidade de trabalhar em igualdade em cargos de excelência, com pessoas de excelência e, o mais importante, desenvolvendo trabalhos de excelência também. Mesmo havendo um longo intervalo de tempo entre o início desta luta e a continuação dela nos dias atuais, percebe-se que ainda existe uma variação bastante concentrada em diversos aspectos, apesar disso, nota-se, também, que atualmente a situação é muito menos desigual para elas. Após inúmeros trabalhos desenvolvidos e muitas demonstrações de habilidades com gestão, as mulheres passaram a assumir postos de liderança frente às atividades desenvolvidas pelos setores do agronegócio.

Bennis (2001) difere poder e liderança quando descreve que, o poder está intimamente interligado às aptidões, enquanto a liderança está relacionada propriamente com as habilidades do indivíduo. Desta forma, um líder caracteristicamente irá fazer o uso do poder, todavia, fazendo com que seja uma ação de transformação ao meio em que está inserido. Assim foram as mulheres que se instalaram nos trabalhos rurais, com o tempo, obtiveram poder de influência sob os acontecimentos mais cruciais acontecidos durante o desenvolvimento deste setor. As contribuições das mulheres para com os setores do agronegócio são extremamente notórias, não por questões hierárquicas, mas por plena habilidade de transformação.

Quando falamos em mulheres na liderança, é importante frisar que não se restringe somente às lavouras, especialmente porque o agronegócio é composto de inúmeros processos os quais fazem com que todo o desenvolvimento realmente aconteça. Atualmente as mulheres lecionam, administram, dirigem, pesquisam, inserem e alteram informações correlatas às áreas supracitadas neste escrito, assim como lideram máquinas e sementes no campo, propriamente. O que nos mostra, com clareza, que a participação da mulher neste âmbito tem sido muito recorrente, embora ainda pouco mencionada, pode-se afirmar precisamente que as mesmas têm tido participação fundamental em todos os processos que intercalam o agronegócio. Este é um marco importante em suas carreiras, pois anteriormente era um ideal dubitável.

A trajetória da mulher no meio rural é repleta de desafios, assim como é repleta de objeções, mesmo nos dias atuais, após terem lutado para conquistar um pouco do espaço pertencente a elas na sociedade, enfrentam discordâncias que se relacionam estritamente ao gênero que possuem, por caracterizarem fragilidade e incapacidade de exercer trabalhos que, anteriormente, eram muito mais desenvolvidos pelos homens. Neste sentido, Perrot (2007) propõem uma indagação a respeito disso, a qual diz que as mulheres frequentemente são escondidas por imagens ou apresentações que as encobertam feito capa espessa, como alcançá-las tendo que partir do estereótipo o qual são constantemente ligadas? Este pensamento traz à tona a realidade vivida pela maioria das mulheres, suas reais capacidades ou habilidades, são descartáveis aos olhos de muitos, visto que não se adequam às necessidades exigidas pelo campo. Mas, afinal, o que mais é necessário, além do saber, para progredir um espaço que vem sendo facilitado por suas próprias mãos?

Perrot (2007) segue a afirmação de que existem inúmeras fontes que balbuciam aspectos sobre elas, se existe tanto firmamento no dizer, por que não inserir paulatinamente todas as características benéficas as quais as mesmas vêm desenvolvendo ao longo do tempo em que decidiram encarar o que, de fato, queriam viver? A representação do trabalho feminino na sociedade propôs significativos aumentos nos resultados, especialmente por isso as mesmas passaram a tomar a frente de postos que, anteriormente, só poderiam ser liderados por homens e, assim, conseguiram atingir níveis os quais jamais pensaram que atingiriam, simplesmente pelo fato de serem mulheres. A caracterização do trabalho feminino na liderança possibilitou milhares de outras oportunidades, oportunidades que definitivamente crescem a medida em que mais mulheres aceitam as condições que mais lhe favorecem nos âmbitos trabalhistas.

O favorecimento não se concentra somente no ganho monetário, mas no estabelecimento de conquista, na visibilidade da ação feminina neste campo tão abrangente. A caracterização do trabalho feminino deixou de ser um longínquo querer e tornou-se a realidade de milhares de trabalhadoras que buscam incessantemente por seus espaços nos campos agrícolas. A conquista da mulher passou a ser validada quando as oportunidades que lhe surgiam coincidiam com as mesmas que surgiam aos trabalhadores do sexo masculino, quando já não havia mais diferenciação, mas sim, iniciativas que promovessem seus trabalhos de maneira digna e igualitária.

## **4.2 A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO FEMININO NO CENÁRIO DO AGRONEGÓCIO NO QUE DIZ RESPEITO AOS PROGRESSOS E AMOLDABILIDADE ACERCA DAS OPOSIÇÕES ENCONTRADAS**

O capítulo a seguir busca identificar, a partir de todas as transformações vivenciadas por mulheres do campo, em que momento passaram a ser reconhecidas por, de fato, desenvolverem seus trabalhos e influenciarem de maneira benéfica nestes remodelamentos encontrados nos setores do agronegócio, mesmo em meio às oposições encontradas ao longo do caminho, as quais não foram poucas, tampouco fugazes. As transformações vivenciadas durante a trajetória do tempo foram cruciais para encorajar diversas tomadas de decisões, as quais anteriormente eram consideradas impensáveis, apesar de desejáveis. A intensificação do trabalho feminino no campo trouxe a propriedade do querer, mesmo com circunstâncias contrárias e, ademais, as mesmas seguem liderando posições de competência.

Alcançar determinada posição dentro de uma sociedade não depende unicamente de um desejo próprio, mas de uma coleção de desejos conjuntivos que transformam espaços e mentes. Este alcance depende de uma série de fatores que, somente após somados, conseguem realmente auxiliar de alguma maneira e, neste sentido, pode-se frisar duas grandes percepções neste aspecto, inicialmente existe um significativo acréscimo nas qualificações relacionadas à área rural, seguidamente do aumento considerável dos recursos tecnológicos que abrem espaço para uma real reforma no pensar e no agir dos indivíduos que, quase nunca se permitem receber o novo. Osho (2016) esclarece uma percepção errônea que muitas vezes cerca as pessoas, a utilização da mente no falar e no agir atua como consciência, com perceptividade e, sendo assim, a consciência não tem definição de gênero: nem ele, nem ela, nem homem, nem mulher, isto é, o ser humano, como um todo, é corpomente.

Antes de adentrar o óbvio, faz-se necessário desmistificar os grandes e não inermes pensamentos que somam na transparência da presença feminina em figura líder, como quando se frisa o fato de que a consciência é a única oportunidade ouvinte em um ser, visto que todo o resto é respaldado no que os olhos podem vivenciar, todavia, não há consciência, esta é estritamente envolta pelo que se é. Sob esta percepção, pode haver sentido em separar gêneros tão comumente iguais, sob

perspectivas tão abruptas e desiguais, quando, na verdade, a somatória do ser está ligeiramente definida por uma única entidade? De forma simplória, tudo está interligado às essencialidades as quais optamos por viver. A titulação não é proferida como um homem ou como uma mulher, mas como uma consciência que entende que este aspecto é frugal demais quando comparado a tudo que o cerca. Osho (2016) complementa este pensar quando sugere que os ouvidos ao ouvir, não devem atentar-se à voz de um homem ou de uma mulher, pois assim não estará verdadeiramente sendo ouvinte, deve-se ouvir apenas como consciência, para entender todos os aspectos descritos.

Esse pensamento, apesar de breve, demorou muito a ser entendido pela maioria das pessoas, especialmente às enraizadas no sentimento de dominância sob qualquer circunstância. Esse, na verdade, é um pensar que nos faz crer que existem inúmeras possibilidades envolvidas nas vidas das pessoas, entretanto, a maioria destas pessoas preferem acreditar naquilo que lhe parece correto ou justo acerca dos próprios olhos. Quando recolhemos estes pequenos fragmentos, reformulamos e deixamos à mostra da verdade, compreende-se em que ponto o mesmo se encaixa nesta trajetória a qual tanto se fala há tanto tempo. Se houvesse, de fato, a percepção da consciência sob toda e qualquer mente, haveria mesmo a necessidade de intervir no assunto oposição trabalhista no que diz respeito às mulheres de espaços agrários? Haveria a necessidade de impor ordem à existência quando, na verdade, a mesma não pode seguir uma lógica perpétua? Haveria a necessidade de enfatizar tantos processos árduos na vida destas mulheres que unicamente buscavam a liberdade de exercer àquilo que estavam destinadas a almejar durante toda uma vida?

Sandel (2009) nos traz uma perspectiva quanto ao que foi relacionado acima quando questiona se as pessoas realmente possuem liberdade de escolha ou estão em constante reavaliação de escolhas? Até que ponto as pessoas seguem vivendo coagidas ao invés de livres? Este é um ponto que demonstra o descontentamento de alguns indivíduos na sociedade, os quais parecem sempre estar à mercê daquilo que o outro deseja que o mesmo pense, fale e viva. Sandel (2009) ainda complementa que essa dubiedade acarreta uma questão voltada à filosofia política: a virtude dos cidadãos de uma sociedade procura ser mantida e promovida pela mesma, ou totalmente desnaturalizada por ela? A percepção, quando analisada por este formato, acaba por conjurar um sentido amplificado de justiça, o qual naturalmente não foi

identificado em tempos de intenso preconceito para com as mulheres que decidiam alargar suas vidas nas áreas rurais, demonstrando grande interesse em transformar e utilizar as inúmeras capacidades as quais as mesmas possuíam.

A partir do que foi descrito, entende-se porque tantas mulheres viveram no anonimato por tanto tempo, assim como também pode-se entender porque demoraram tanto para retomarem suas vidas da maneira como sempre desejaram viver. Os olhos atentos que perduraram por épocas sobre estas mulheres interferiam de maneira instantânea em cada passo dado por elas e, por isso, permaneceram distensas de tudo, especialmente de tudo o que se relacionava à ruralidade. Perrot (2007) detalha o aparecimento da mulher em diversas descrições, as quais são vivenciadas desde o início dos tempos, todavia, apesar de haver representações delas espalhadas em muros e paredes, o que de fato se diz sobre seus desejos e suas vidas? Por tempos, as mulheres foram apenas meras imaginações dos pensamentos alheios, construções utópicas de ser e dever, moldadas por aquilo que achavam que eram, mas nunca pela real existência delas mesmas. Ao passo que reinicializavam suas vidas, passaram a perceber quanta coisa havia ficado para trás e, quanta coisa podia ser refeita a partir de então.

As transformações vivenciais destas mulheres passaram a ocorrer devagar, cada ponto era pensado com toda a estruturação necessária para desenvolvê-lo verdadeiramente, afinal, o tempo de ocultamento estava prestes a ter um fim, logo, haveria a necessidade de transmitir segurança àquilo que estava por vir. Este processo ocorreu com lentidão, mesmo nos dias atuais percebe-se que a abundância não é tão notória quando se faz comparações agrupadas, essa é mais uma certeza de que, apesar de haver imenso propósito e tamanho desenvolvimento desde os tempos iniciais, ainda pode-se encontrar desigualdade neste campo. Apesar disso, a contribuição das mulheres nos âmbitos trabalhistas, especialmente os relacionados ao agronegócio, tem liderado uma constância muito satisfatória, principalmente porque já existem muitas inseridas neste meio e, muitas outras têm ingressado também.

Por causa das transformações ocorridas ao longo das vidas de tantas mulheres, pode-se afirmar, com clareza, que a realidade vivenciada nos dias atuais é bastante diferente dos dias vividos no passado, evidentemente o protagonismo das mulheres no âmbito rural tem sido cada vez mais presente e, com isso, as mesmas

conseguem trazer o benefício de usufruir dos direitos os quais são pertencentes a elas, auxiliando nas condições as quais as mesmas vivem, além de contribuir, principalmente, com a diminuição das desigualdades no campo. Apesar de parecer algo simplório, sabe-se que foi necessário viver o ocultamento e aguardar por muito tempo até que essa realidade realmente pudesse ser vivida, pois, anteriormente, essa visão era apenas uma expectativa de vida que se fazia presente em seus muitos caminhos vividos. Foucault (2004) traduz o sentimento vivido por estas mulheres após terem conseguido suas inserções neste campo, quando diz que a vida se baseia em uma presença cheia de traços de visibilidade, como uma disciplina que, por fim, consiste em uma vida de verdade, como verdadeira vida.

Diante disso, o que, de fato, consistem nessas transformações que serviram de impulsionamento para a mudança na vida dessas mulheres? Quando o entendimento passou a ser moldado e esclareceu-se o fato de que grande parte das situações são feitas de processos, houve um estímulo notoriamente acrescido na vida destas trabalhadoras, especialmente porque passaram a perceber que haviam inúmeras vertentes para um só caminho, o qual com certeza acresceria em benefício todo o trajeto vivido até então, foi a partir deste momento decisivo que as mulheres começaram a perceber que poderiam deixar de ser apenas coadjuvantes de suas próprias vidas e, então, começaram a investir em crescimento pessoal e profissional. Bourdieu (1989) assegura que os processos os quais nós aderimos para nós mesmos não podem ser assemelhados à propósitos antecipados, visto que, são intensos trabalhos de fôlego, os quais se realizam pausadamente, sendo um conjunto de pequenas construções decisivas.

O desenvolvimento da mulher rural não acompanhou o desenvolvimento do agronegócio, principalmente porque sua introdução verdadeiramente alterante só ocorreu após longa data, apesar disso, pode-se afirmar que atualmente a contribuição da figura feminina neste setor que movimenta grande parte da economia, é estritamente incontestável. O crescimento do público feminino no agronegócio tem vigorado com extrema facilidade, especialmente porque existem muitas mulheres capazes de inserir conhecimento em diversos setores relacionados à área, a considerar que a abrangência se discorre em todos os campos, sejam elas agricultoras, pesquisadoras, pecuaristas, empreendedoras ou gestoras de empresas do setor agrícola. As contribuições acontecem de acordo com as qualificações

apresentadas a cada campo descrito e, em suma, as participações das mulheres têm sido bastantes acentuada, também, nos cargos de liderança.

A inserção da mulher no mercado do agronegócio é, de certa forma, desafiadora, principalmente em razão às diversas situações de discordâncias as quais muitas ainda enfrentam para que consigam desenvolver seus trabalhos, seja por enfrentamento de preconceito ou por dificuldade de instalar-se em uma vaga correlata, simplesmente, por ser mulher. Kanan (2010) traz uma consideração importante quanto a isso, quando descreve que a idealização da mulher no mercado de trabalho não consiste em tomar o poder para si, mas sim transformar o espaço em compartilhamento igualitário. Apesar de todo o árduo processo para atuar neste mercado, as mesmas têm demonstrado maestria no desenvolvimento do mesmo, principalmente no que diz respeito às mudanças organizacionais que permitem a introdução de todo e qualquer indivíduo que possa somar de maneira contributiva, independente do gênero o qual possui. Para elas, o rompimento de épocas de preconceito somente pode ser desfeito com a intensificação dos seus projetos, sem que haja desistência por interferências externas, mesmo que elas frequentemente apareçam no caminho.

A atualidade possibilitou diversas mudanças neste meio e, com isso, vieram também as transformações relacionadas aos desenvolvimentos os quais eram necessários para a continuidade dos projetos consistentes nas áreas que envolvem o agronegócio, este modelo de desenvolvimento possibilitou a participatividade do público feminino de maneira mais intensa e, com isso, as mulheres passaram a acreditar que poderiam enfrentar desafios que, anteriormente, estavam apenas acumulados como possíveis projetos longínquos de suas vidas, nada que verdadeiramente estivesse ao alcance do imediatismo e, de fato, não foi mesmo de imediato, entretanto, percebe-se o quão melhor está a participação das mesmas nos dias atuais, não somente nos setores relacionados ao agronegócio, mas nos âmbitos trabalhistas de maneira geral. As mulheres deixaram de olhar para si mesmas como mães e esposas e, passaram a perceber que havia potencial para fazer mais por elas mesmas, um incentivo tanto profissional quanto pessoal.

Com todos esses acontecimentos e todas as transformações dos últimos tempos, o que verdadeiramente mudou na vida destas mulheres? Quais as principais considerações a se relacionar diante de tudo isso? Será um período proveitoso, de

fato? As limitações realmente não têm as impedido de continuar suas vidas trabalhistas de maneira profícua? Inicialmente, pode-se afirmar que as transformações, na verdade, começaram internamente, especialmente porque a maioria das mulheres eram julgadas por estar “abrindo mão” daquilo que lhes pertencia (aspectos matrimoniais e familiares) e, a partir do momento em que perceberam que este passo não impediria que este laço continuasse da mesma maneira, perceberam que não haveriam malefícios no tentar, mas sim, benefícios. Sandel (2009) nos traz um pensar voltado à justiça que, brevemente, se encaixa no escrito acima, diz-se que a justiça é envolta por duas vertentes: escolha e virtude, quando pensamos em justiça, devemos também considerar a melhor forma de enfrentar a vida.

Neste sentido, entende-se que as mudanças ocorrem, inevitavelmente, também em benefício próprio, especialmente quando não se pode ou não se tem liberdade suficiente para experimentar àquilo que lhe é plausível aos olhos. Quando essas mulheres resolveram insistir e inserir conhecimento em suas vidas, puderam perceber que todos os aspectos que as cercavam foram estritamente transformados, quase como uma novidade que atravessa o período em que se vive e soma em vida, de diversas formas circunstanciais. É válido dizer, também, que a idealização da mulher ao desejar obter conhecimento para que pudesse estar inserida no âmbito trabalhista não consistia em trazer para si o desejo da ganância ou do poder autoritário, principalmente no meio rural, já que lhes era nítido que a dominância estava restrita aos homens. Sandel (2009) mais uma vez contribui beneficentemente neste ponto ao dizer:

Em sociedades impulsionadas pelo mercado, pessoas ambiciosas perseguem ardentemente seus interesses, e a linha que separa o interesse próprio e a ganância é muitas vezes obscura. A linha que separa o sucesso e o fracasso, porém, costuma ser mais definida. E a ideia de que as pessoas merecem as recompensas do sucesso é parte essencial de um grande sonho que se possui (SANDEL, 2009, p. 24).

O verdadeiro desejo estava totalmente envolto pela certeza de haver capacidade suficiente em suas individualidades para dividir o campo com os diversos homens que já ocupavam seus postos, com muito mais facilidade, diga-se de passagem. A idealização de permitir que somente homens estivessem desenvolvendo essas atividades estava totalmente interligado às menções de época, quando os chefes de família tomavam conta de toda a propriedade e trabalhos externos,

enquanto suas esposas cuidavam de tarefas que não exigiam força. Mas hoje, percebe-se que este é um trabalho que não exige somente força braçal, depende muito mais de segurança em inserir práticas que beneficiem a sociedade como um todo, especialmente pelo fato de haver uma constância ligeiramente forte no crescimento populacional, logo, deve-se dispor de ainda mais pessoas capacitadas para desenvolver práticas que auxiliem esta expansão. Mais do que nunca, essas inúmeras trabalhadoras têm esclarecido que são mais que capazes de auxiliar neste processo.

Freire (2000) pondera uma questão que abrange o que foi descrito anteriormente, suas palavras contemplam o fato de que o povo tem vivido um ciclo recém-chegado e, neste tempo, abandona-se os olhos perceptivos, a vivência da espectação e passam a realmente tomar postos de participantes. Essa é a real idealização das muitas mulheres que resolveram tornar-se participantes de suas próprias vidas, não para que se tornassem outras, mas para que impulsionassem as que já eram. A decisão tomada por elas estava totalmente interligada à certeza de que havia muito mais para contribuir junto à sociedade. As possibilidades de inserir conhecimento às muitas vias do setor agrícola garantiam a essas mulheres a certeza de que havia muito mais a se fazer, além de só olharem suas vidas passando junto com o tempo que se desfazia rapidamente. Foi a partir deste decisivo momento que as mulheres entenderam verdadeiramente que podiam fazer muito mais por elas, e que havia muito mais para elas.

Existem ainda muitas lacunas não preenchidas, planos inacabados ou incompletos, experiências frustrantes, assim como experiências incrivelmente somatórias às vidas de muitas mulheres que estão inseridas neste meio. O processo, na verdade, é infundável, apesar de muita coisa ter sido transformada para melhor, existem outras que ainda implicarão em graus de empecilhos no caminho e, apesar disso, as mulheres tem se fortalecido no fato de que podem ocupar espaços tão competentes quanto os ocupados pelos homens, tendo plena certeza de que não existirão interferências nestes aspectos, simplesmente por não haver um jogo de disputa ou algo parecido, são somente pessoas que se aplicam no que fazem, desenvolvem seus trabalhos com maestria e buscam, diariamente, transformar e melhorar este setor que soma em importância tão considerável à sociedade. A única exigência a qual seguem consiste no fato de ocuparem cargos de excelência, tendo coesão e aplicabilidade no agir, para que haja rentabilidade em seus trabalhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de falar sobre este tema não está relacionado à necessidade de enaltecer a figura feminina no mercado de trabalho, tampouco de idealizar que somente há maestria nos trabalhos desenvolvidos por elas, a importância de enfatizar este assunto relaciona-se ao fato de haver a necessidade de existir igualdade nos campos trabalhistas, especialmente os que envolvem o meio rural, tendo em vista que, o preconceito neste meio existe há tempos, principalmente pela diminuição das atribuições femininas no que diz respeito às atividades desenvolvidas diretamente nas condições de trabalho em lavouras. A aceitabilidade não foi conquistada em pouco tempo, nem mesmo foi facilmente adquirida por todos, muito pelo contrário, houve um árduo processo neste meio de inserção, atribuição e aceitação.

Quando pensamos em uma problemática, trazemos à tona a percepção de falha na aceitação da presença feminina no meio rural, isto insere o enfeitamento em sua inserção dentro do campo, mesmo que isso some de alguma maneira, o fato de haver a introdução de alguém “pouco reconhecido” logo o torna, também, incapacitado para desenvolver as tarefas as quais são atribuídas para este grupo de pessoas. Logo, existe um problema ainda maior: convencer que há capacidade, mesmo sem oportunidade para que isso seja exposto. Muitas trabalhadoras sofreram com o preconceito mesmo antes de entrarem em campo, simplesmente pelo fato de serem diminuídas por serem do gênero feminino e, em muitos casos, as mesmas não podiam se quer demonstrar aplicabilidade nas atividades a serem exercidas, pois não tinham espaço para isso.

O preconceito surge com a necessidade de diminuir a capacitação de alguém, mesmo que a capacitação em si verdadeiramente exista. Nisto, pode-se avaliar o preconceito como uma forma de empecilho que te redireciona no sentido contrário ao que realmente se busca, como forma de impedir que os passos sejam concluídos. Por causa disso tantas mulheres deixaram de seguir o que realmente buscavam, pelo fato de haver um impedimento alheio que lhe fazia pensar que aquilo realmente não poderia ser possível, quando, na verdade, a única forma de determinar a possibilidade da eventual escolha, consistia na capacidade de insistir na busca. Sobretudo, a falta de incentivo e o círculo vicioso do “não consigo, não posso, não dá” deixou que muitas mulheres esquecessem de suas capacidades.

Quando as mulheres trouxeram a realidade à tona e perceberam que o tempo que havia a perder já havia sido perdido, passaram a enxergar as possibilidades de uma maneira muito diferente, principalmente no que diz respeito à aceitação da visão de “coadjuvante” de alguém. As mulheres queriam ser protagonistas de suas próprias escolhas, queriam ser reconhecidas por também fazer acontecer, mesmo em situações onde a percepção era de que nada poderia ser feito. A transformação também poderia partir de suas mãos, pois as mesmas eram capazes de promover o beneficiamento de tudo o que se dispusessem a fazer com destreza. As mulheres passaram a tornar os processos resolutos, as mesmas aplicavam-se às atividades de maneira concreta, buscando, de fato, promover a mudança por onde passavam.

O pensamento delas também foi moldado, passaram a perceber que haviam inúmeras possibilidades a partir do querer, haveriam muitas oposições a se enfrentar, mas a possibilidade ainda era existente. As transformações primeiro partiram delas mesmas, quando deixaram de aceitar situações que anteriormente eram cotidianas em suas vidas, como quando trabalhavam nas lavouras da mesma forma que os homens e, ainda assim, eram vistas apenas como ajudantes, quando os seus esforços só eram vistos se estivessem para dentro das portas de suas casas como mães ou esposas, mas nunca trabalhadoras ou donas de seus próprios esforços. Esta visão, por tempos, era a única escolha das mulheres, pois não haviam circunstâncias que as beneficiassem de forma alguma, tampouco tinham escolha para o que lhes era presente.

A partir do momento em que as mulheres passaram a compreender que o processo seria muito mais facilitado quando o início partisse delas mesmas, todo o resto também passou a ser mais ameno, especialmente pelo fato de haver, de fato, motivação da parte delas para com elas mesmas. Um incentivo próprio para reconhecer que havia capacidade para fazer muito por elas e pelos outros com a aplicação de suas técnicas e conhecimentos. Mesmo sabendo que a área rural sempre foi muito mais composta por homens que por mulheres, as mesmas não desistiram de tentar e, devagar, passaram a conquistar conhecimento suficiente para que pudessem atuar nesta área, como tanto almejavam, porém, não apareciam mais como simples “ajudantes”, mas como precursoras de suas próprias ações. Este marco foi fundamental para estas mulheres, principalmente porque precisam de algo para servir de apoio nesta inicialização e, o melhor apoio só poderia partir delas mesmas.

A expansão do agronegócio tem sido cada vez mais constante, por isso, a presença de mão de obra capacitada para atender às demandas populacionais são extremamente necessárias, com isso, as mulheres também têm cada vez mais se inserido neste campo, visto que a abertura para suas inserções atualmente é muito mais simples se comparado há anos anteriores. Para tanto, as mulheres têm investido em capacitação para desempenharem funções de excelência neste trajeto, especialmente porque, apesar de haver expansionismo na área, a idealização do profissional também tem sido cada vez mais específica, havendo a necessidade de apresentar características de destaque que lhe concedam um espaço dentro do agronegócio.

A finalidade do projeto em questão foi estabelecer que, durante muito tempo, as mulheres lutaram para terem um pouco do que é presente em suas vidas atualmente, ainda não estão inseridas em sua totalidade como gostariam que fosse, mas já estão muito à frente do que eram tempos atrás. Os processos realmente exigem esforços que somam em resultados visivelmente benéficos, todavia, também trazem as dificuldades que assolam os caminhos de muitas, principalmente porque, embora exista hoje uma maior facilidade neste processo de inserção no agronegócio, existe também, em partes, a dificuldade de ser tratada de maneira igualitária quando comparadas aos seus companheiros de trabalho. Apesar de todas as contradições as quais ainda existem, pode-se afirmar que as mulheres têm desenvolvido trabalhos de excelência e, por causa disso, têm sido extremamente reconhecidas por muitos.

As perspectivas são muito satisfatórias, um olhar a longo prazo traduz a experiência da permanência. A tendência é que o agronegócio continue desenvolvendo da maneira como têm se desenvolvido há tempos e, com isso, haverá muito mais empresas, lavouras, confinamentos, pessoas a serem lideradas, cargos a serem preenchidos, pessoas a serem aperfeiçoadas para suas funções. Todas as escolhas se concentram na capacidade de desenvolver reais motivos para permanecer inserido na área, nada poderia ser mais impulsionador que a capacidade de reviver o que ficou para trás e perceber que o presente é muito mais vantajoso e exultante para elas. O desenvolvimento permanecerá sendo assíduo, principalmente porque a ocupação dos cargos depende muito do que se propõem de melhorias a ele, ou seja, nós somos inteiramente dependentes daquilo que oferecemos de melhorias aos outros e, neste caso, auxiliar neste processo é extremamente recompensador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL., Grazielle Alves. OS DESAFIOS DA INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 8, n. 2, 2013. DOI: 10.5216/rir.v2i113.22336. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/22336>. Acesso em: 01/03/2022.

ADAIR, Charlene B. e MURRAY, Bruce A. Revolução total dos processos – Estratégias para maximizar o valor do ser. São Paulo – SP, 2013.

BERNARDES, Anita Guazelli et al. Dever do Estado: metamorfoses da publicização da existência e produção de subjetividades. **Artigo**, Campo Grande - MS, p. 967-975, 15 out. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/qRbmTHXYBnhkDfyg6JRN4Gp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2022.

BENNIS, Warren Gamaliel., 1925. A formação do líder; tradução Marcelo Levy. São Paulo: Atlas, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. [S. l.]: Editora Brasiliense, 1987. 228 p. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Coisas-ditas.pdf>. Acesso em: 1 maio 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. [S. l.: s. n.], 1989. 311 p. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-podersimb%C3%B3lico.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2022.

BRUSCHINI, Cristina.; LOMBARDI, Maria Rosa. **Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990**. In: MARUANI, M. e HIRATA, H. (Orgs.). As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Senac, 2003.

BUTTO, Andrea et al. Formação e articulação para efetivar políticas públicas nos territórios da cidadania. **Mulheres Rurais e Autonomia**, Brasília - DF, p. 1-132, 13 maio 2014. Disponível em: <https://www.sof.org.br/wpcontent/uploads/2017/07/MulheresRuraisEAutonomia.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2022.

BARROS, Ricardo Paes de et al. **Família e Distribuição de Renda: o impacto da participação das esposas no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro - RJ: [s. n.], 1989. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0164.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0164.pdf). Acesso em: 11 mar. 2022.

BORGES, Gustavo da Rosa et al. A existência de preconceito de sexo no trabalho: uma abordagem com trabalhadoras no agronegócio. **Revista Gênero**, Niterói - RJ, ano 2021, v. 21, n. 2, p. 47-65, 31 maio 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/49982>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BIASE, Laura de. A condição feminina na agricultura e a viabilidade da agroecologia. **AGRÁRIA**, São Paulo - SP, p. 1-33, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/128>. Acesso em: 6 mar. 2022.

CINTRA, Soraia Veloso et al. As melhores empresas para as mulheres trabalharem: o que elas dizem sobre o ambiente de trabalho. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis - SC, p. 1-7, 11 jun. 2022. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST25/Cintra-Cosac\\_25.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST25/Cintra-Cosac_25.pdf). Acesso em: 25 abr. 2022.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 100-121, juldez, 201

CARNEIRO, Maria José. **Mulheres no Campo**: notas sobre sua participação política e a condição social de gênero. [S. l.], 1994. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/doi/carnei2.htm>. Acesso em: 1 mar. 2022.

FANTIM, Thiago. **A Importância do empoderamento feminino para o agronegócio**. [S. l.], 9 ago. 2018. Disponível em: <https://agrosmart.com.br/blog/aimportancia-do-empoderamento-feminino-para-o-agronegocio/#:~:text=A%20import%C3%A2ncia%20do%20empoderamento%20feminino%20para%20o%20agroneg%C3%B3cio,-Thiago%20Fantim09&text=Elas%20est%C3%A3o%20conseguindo%20vencer%20as,do%20rendimento%20familiar%20no%20campo>. Acesso em: 15 maio 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo - SP: Editora UNESP, 2000. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/11.-Pedagogia-da-Indign%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **A propósito de uma administração**. Recife - PE: [s. n.], 1961. 1-62 p. Disponível em: [http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1362/2/FPF\\_OPF\\_08\\_006.pdf](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1362/2/FPF_OPF_08_006.pdf). Acesso em: 26 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. [S. l.: s. n.], 1970. 129 p. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 4. ed. Rio de Janeiro - RJ: Edições Graal, 1984. 277 p. v. 7. Disponível em: <http://www.cidadaniaereflexao.com.br/uems2018/Microfsica%20do%20Poder.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

JACOBSEN, Alessandra de Linhares. Metodologia Científica: **Orientações**, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://cursodegestaoelideranca.paginas.ufsc.br/files/2016/03/ApostilaOrienta%C3%A7%C3%A3o-ao-TCC.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2022.

KANAN, Lilia Aparecida. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **Revista UFBA**, Salvador - BA, v. 17, n. 53, p. 243-257, 15 maio 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/Nm5NNr77WbKLT7JQhS8jZWS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2022.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. 8. ed. Rio de Janeiro - RJ: [s. n.], 2002. 205 p. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/1esxvec>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Feminilidade como Sexo, Poder, Graça**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

NOBRE, Miriam; FARIA, Nalu. **Produção de Viver. Ensaios de economia feminista**, São Paulo - SP, p. 1-53, 18 mar. 2003. Disponível em: <https://www.sof.org.br/wpcontent/uploads/2015/06/Caderno-A-produ%C3%A7%C3%A3o-do-viver.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2022.

NASCIMENTO, Cleonice Nazaré do. **A mulher no mercado de trabalho e na liderança das organizações: uma análise bibliométrica no campo da administração**. 2015. 162 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP, 2015.

OSHO, O livro das mulheres. In: <https://asfiles.com/26eqc~pdfviewer>. [S. l.]. Disponível em: <https://asfiles.com/26eqc~pdfviewer>. Acesso em: 1 maio 2022.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. [S. l.]: Editora UNESP, 1997. 159 p. Disponível em: <https://cisges.files.wordpress.com/2015/04/michelle-perrot-mulherespc3bablicas.pdf>. Acesso em: 1 maio 2022.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 7. ed. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod\\_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf). Acesso em: 20 abr. 2022.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. [S. l.]: Editora Contexto, 2007. 184 p. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n0en0v>. Acesso em: 1 abr. 2022.

PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. **Trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe operária brasileira**. Cultura e Identidade Operária: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Tradução. Rio de Janeiro: Ufrj/Marco Zero, 1987. Acesso em: 11 mar. 2022.

RAMOS, Jéssica da Cunha. **O gênero dentro da perspectiva feminista e sua relação com o direito**. 2014. 49 p. Monografia (Bacharelado em Direito) - Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói - RJ, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/3126/O%20G%C3%A1NERO%20DENTRO%20DA%20PERSPECTIVA%20FEMINISTA%20E%20SUA%20RELA%C7%C3%92%C3%87%C3%A3O%20COM%20O%20DIREITO.pdf;jsessionid=B37607BDB9CE60468F6EFA09520131BB?sequence=1>. Acesso em: 1 mar. 2022.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Mariane Rodrigues. **Gênero, desigualdades e agricultura: a mulher na atividade agrícola familiar**. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba - PR, v. 5, n. 3, p. 2095-2115, 30 jan. 2019. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/1227/1107>. Acesso em: 1 mar. 2022.

SOUTO, Mayara et al. Mulheres no campo: trabalho e protagonismo. **Revista Arco: Jornalismo Científico e Cultural**, [S. l.], p. 1-4, 12 fev. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/mulheres-no-campo-trabalho-e-protagonismo/>. Acesso em: 6 mar. 2022.

SILVA, Berenice Gomes da. **A marcha das margaridas: resistências e permanências**. 2008. 172 p. Dissertação (Mestre em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília - UnB, Brasília - DF, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/tbCDDMk7PsvS5H4nspSBfqC/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres Rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Estudos Feministas**, Florianópolis - SC, p. 437-443, 15 maio 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zxBLWVLxQwRGT8zgC6fGqdF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 abr. 2022.

SANDEL, Michael J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. 6. ed. Rio de Janeiro - RJ: [s. n.], 2009. 141 p. Disponível em: <http://noosfero.ucsal.br/articles/0010/4525/sandel-michael-justica-o-que-e-fazer-acoisa-certa-1-70.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.